

## ORALIDADE E FILOSOFIA TRADICIONAL AFRICANA: CONCEITOS DE HAMPATÉ BÂ E INFLUÊNCIAS NAS AFRICANIDADES BRASILEIRAS

*Cláudia de Oliveira da Silva*  
*Maria Eliene Magalhães da Silva*  
*Rafael Ferreira da Silva*

Para o Ocidente, a filosofia nasce na Grécia antiga no século VI a.C. Desconsidera assim outras formas de filosofia como as orientais e as africanas. A filosofia ocidental convencional estuda os problemas fundamentais relacionados à existência, ao conhecimento, à verdade, aos valores morais e estéticos, à mente e à linguagem, como vemos nas definições do Dicionário Aurélio abaixo:

Conjunto de concepções, práticas ou teóricas, acerca do ser, dos seres, do homem e de seu papel no universo. / Atitude reflexiva, crítica ou especulativa, de elaboração de tais concepções. / Conjunto de toda ciência, conhecimento ou saber racional. / Reflexão crítica sobre os fundamentos do conhecimento (valores cognitivos), da lógica, da ética e da estética (valores normativos). / Sistema de princípios que explicam ou sintetizam determinada ordem de conhecimentos: filosofia da história. / Sistema particular de diretrizes para a conduta: adaptar sua filosofia às circunstâncias. / Sistema de um filósofo: a filosofia de Aristóteles. / Conjunto de doutrinas de uma escola, época ou país: a filosofia grega.

A filosofia tradicional africana, objeto de estudo que aqui apresentamos, traz um conceito mais amplo, ao incluir a dimensão da espiritualidade. Não separa o aspecto religioso do racional. O ser humano é visto como parte do cosmo, não como centro de onde parte todo o conhecimento. Não é somente reflexiva e racional. Interliga os valores cognitivos e normativos. O universo é visto como um grande corpo que

interliga os mundos vegetais, minerais e animais. O universo é perpassado por relações de oralidade que se manifestam através da palavra, que é muito mais do que apenas o verbo. Daí a importância de se falar do conceito de oralidade para entender o que seja filosofia tradicional africana, mas também para se entender a nossa brasilidade que não é somente europeia.

O nosso artigo vai tratar do conceito de oralidade trabalhado pelo estudioso Amadou Hampaté Bâ. Na primeira parte deste texto, abordamos o que fundamenta o conceito de oralidade de Hampaté Bâ, a partir dos seguintes subtemas: Espiritualidade da palavra, mito, sacralidade, corpo, ritmo, iniciação, transversalidade e senhoridade. A segunda parte do texto traz exemplos dessa filosofia tradicional africana no Brasil através da capoeira angola, da reza e da educação no quilombo.

### **Espiritualidade da Palavra: Mito, Sacralidade, Corpo e Ritmo**

O maior diferencial da filosofia africana em relação ao conceito ocidental convencional é que se fundamenta no valor da palavra e que ela tem caráter sagrado e transversal. Há uma vibração energética que movimenta o mundo visível e invisível dando força espiritual à palavra em todas as suas formas de expressão. A sacralidade da palavra é mostrada através dos mitos que contribuem para uma compreensão dos valores civilizatórios vivenciados em intensidade.

Segundo Oliveira (2007), na cosmovisão africana a simbologia é mais importante do que o significado. Daí a necessidade do mito como linguagem que se apega a dar sentido ao mundo, para além da explicação racional:

O mito não explica, ele faz reviver o tempo dos ancestrais [...] É no mito que se guarda a estrutura mesma dos valores culturais africanos atualizados na sua dinâ-

mica civilizatória [...] sugere um certo modo de viver no mundo [...] Vivencia o mistério [...] Ele é menos um encadeamento lógico gramatical e mais uma gramática das intensidades. (OLIVEIRA, 2007, p. 226-227).

Entre os diversos mitos africanos que mostram a criação do mundo e do homem, existe um da etnia bambara do Mali referente a “Maa Ngala” que significa Deus Supremo. Esse mito narra que nos primórdios, só havia um ser que era um vazio vivo. Um dia Maa Ngala criou um grande ovo, que chocou 20 seres, mas nenhum tinha o dom de interlocutor. Então ele pegou dos 20 seres uma parte de cada, para criar o homem que recebeu de herança divina o dom da mente e da palavra. Esse mito traz a origem da palavra e sua relação com o sagrado, como vemos a seguir:

Maa Ngala, como se ensina, depositou em Maa três potencialidades do poder, do querer e do saber, contidas nos vinte elementos dos quais ele foi composto. Mas todas essas forças, das quais é herdeiro, permanecem silenciadas dentro dele. Ficam em estado de repouso até o instante em que a fala venha colocá-las em movimento. vivificadas pela palavra divina, essas força começam a vibrar. Numa primeira fase, tornam-se pensamento; numa segunda, som; e, numa terceira, fala. A fala é portanto, considerada como a materialização, ou a exteriorização, das vibrações das forças. (BÂ, 1982, p. 185).

As potencialidades do ser humano estavam em repouso, e só através da vibração divina e do movimento, essas forças tornaram-se pensamento, som e verbo, isto é, só conseguiram se materializar e de fato agir quando acordadas pela energia do movimento. Essa fundação tem consequências importantíssimas para nosso conceito de filosofia: a vivência, a música, o ritmo, a gestualidade, o teatro e toda a forma de expressividade são necessidades divinas, desejadas e impulsionadas pelo

Ser Supremo. Assim, podemos afirmar que se trata de uma filosofia perpassada pela corporeidade e pelo movimento.

A palavra não significa simplesmente verbo, ela é sagrada e tem caráter divino: “a palavra falada se empossa, além de um valor moral fundamental, de um caráter sagrado vinculado à origem divina e as forças ocultas nela depositadas” (BÂ, 1982, p. 182).

Acredita-se na existência de dois mundos, o invisível e o visível, e a interligação das dimensões mineral, animal, vegetal e humana através do movimento:

O universo visível é concebido e sentido como sinal, a concretização ou o envoltório de um universo invisível e vivo, constituído de forças em perpétuo movimento: No interior dessa vasta unidade cósmica, tudo se liga, tudo é solidário e o comportamento do homem em relação a si mesmo e em relação ao mundo que o cerca (mundo mineral, vegetal, animal e a sociedade humana). (BÂ, 1982, p. 186).

A magia faz parte desse contexto como saber relacionado à movimentação das forças energéticas, algo necessário para estabelecer o equilíbrio no universo, por isso a oralidade comporta também a sacralidade da palavra mágica, que envolve, além do verbo e da gestualidade, toda a musicalidade.

Por sua vez, essa voz divina que é a musicalidade se realiza pelo ritmo, enquanto cadência encantada de tudo que vive.

Mas para que a fala produza um efeito total, as palavras devem ser entoadas ritmicamente, porque o movimento precisa de ritmo, estando ele próprio fundamentado no segredo dos números. A fala deve reproduzir o vaivém que é a essência do ritmo. (BÂ, 1982, p. 186).

Assim, o ritmo é também energia, pois o movimento acontece conforme a vibração produzida pelo som. O ritmo dá sentido a vida, é a própria filosofia, faz parte dos seus fundamentos.

## Apreensão do Mundo: Iniciação, Transversalidade e Senhoridade

Na tradição oral percebemos a transversalidade, em que os saberes são trocados e repassados com segurança e respeito: “A tradição oral é a escola da vida, e dela recupera e relaciona todos os aspectos” (BÂ, 1982, p. 183). É nessa escola da vida que aprendemos diversos saberes de grande importância para nossa manutenção como seres humanos e sobretudo como parte de uma comunidade.

Existe uma unidade cósmica entre os mundos mineral, vegetal, animal e humano, fazendo com que tudo seja interligado. Essa visão de totalidade faz com que os sentidos corporais sejam todos entrelaçados também. Assim as palavras falar e escutar envolvem ver, ouvir, cheirar, saborear, uma percepção total.

O entrelaçamento entre espiritualidade e materialidade gera transversalidade na apreensão das múltiplas dimensões dos saberes: religião, conhecimento, ciência natural, arte, história, divertimento e recreação, produzindo uma forma singular de ser, agir e estar no mundo, marcada pela tradição oral:

[...] Fundada na iniciação e na experiência, a tradição oral conduz o homem à sua totalidade e, em virtude disso, pode-se dizer que contribuiu para [...] esculpir a alma humana [...] Ela envolve uma visão particular do mundo, ou, melhor dizendo, uma *presença* particular do mundo- um mundo concebido como um Todo onde todas as coisas se religam e interagem. (BÂ, 1982, p. 183).

Bâ contextualiza a importância da forma de aquisição dos saberes da tradição oral, como resultado de um movimento contínuo de aprendizado, sendo que a formação do ser humano é inacabada e marcada por processos de iniciações, alguns muito prolongados:

A tradição oral exige uma forma de aprendizagem que passa pela iniciação que às vezes dura anos. E a formação nunca é considerada acabada, todos os dias, costuma-se dizer, o ouvido ouve aquilo que ainda não ouviu. Assim, a educação podia durar a vida inteira. (BÂ, 1982, p. 208).

O poder colonial procurou extinguir as tradições africanas, a fim de implantar seu próprio ideário, mas as iniciações continuavam acontecendo em meio à natureza, longe das cidades dos brancos, como conta Hampaté Bâ (2003, p. 325), acerca de sua própria experiência: “naquele dia, naquele instante, me divorciei do mundo e tomei a firme resolução de me ater pelo resto da vida ao conselho de meus mestres: servir, servir sempre sem nunca procurar honrarias, nem poder, nem mando”.

Nota-se nessas palavras que as coisas fundamentais, que marcam toda passagem essencial na vida, acontecem pela adoção de uma atitude de humildade diante da compreensão do infinito que é o conhecimento, sendo indispensável se relacionar para tanto com mestres e mestras que já vivenciaram e extraíram de suas experiências, preciosos valores de sabedoria.

A evolução do homem “conhecedor” não é medida por quantas palavras ele conhece, mas sim pela concordância de sua vida a essas palavras. Se o homem conhece poucas palavras do komo (ensino esotérico), mas as pratica em suas vivências, então ele será muito valoroso e poderá se tornar um mestre.

Aprende-se vivenciando e observando: “Desde a infância, éramos treinados a observar, olhar e escutar com tanta atenção que todo acontecimento se inscrevia em nossa memória como cera virgem.” (HAMPATÉ BÂ, 1982, p. 188)

Hampaté Bâ dá exemplo da caça tradicional como uma importante escola de iniciação para os jovens, sendo que para



se chegar reconhecidamente perto das forças sagradas da Terra-Mãe e dos poderes da mata, o bom caçador precisa conhecer todas as encantações da mata e suas peculiaridades, sabendo distinguir os animais que apresentam ameaça ao ser humano e como se comportar diante deles e dos mistérios da mata.

Além dos ensinamentos realizados mediante escolas e ritos de iniciação, a educação tradicional acontece no íntimo de cada família. O pai, a mãe e as pessoas mais idosas da casa são os mestres/as, educadores/as que formam a primeira célula. Eles repassam os primeiros ensinamentos através de experiências, histórias, fábulas, lendas, jogos, provérbios e outros, porque se acredita que esses ensinamentos ficam gravados nas mentes e que se apreende com mais força as lições repassadas.

Ao fazer uma caminhada pela mata, encontrar um formigueiro dará ao velho mestre a oportunidade de ministrar conhecimentos diversos, de acordo com a natureza dos ouvintes. Ou falará sobre o próprio animal, sobre as leis que governam sua vida e a “classe dos seres” a que pertence, ou dará uma lição de moral às crianças, mostrando-lhe como a vida em comunidade depende da solidariedade e do esquecimento de si mesmo, ou ainda poderá falar sobre conhecimentos mais elevados, se sentir que seus ouvintes poderão compreendê-lo. (HAMPATÉ BÂ, 1982, p. 94)

Para a filosofia africana, o aprendizado completo necessita de interação e vivência em comunidade. Na comunidade ou na família, são as pessoas idosas que possuem conhecimentos tradicionais mais profundos. Por isso, Bâ afirma em uma de suas frases mais conhecidas que ancião que morre é uma biblioteca que se queima. Com isso, expressa a importância da transmissão oral dos mais velhos e as sensações de ouvir um sábio africano relatar suas experiências.



## Influências da Filosofia Tradicional Africana na Capoeira Angola

A capoeira angola é uma tradição oral de origem afro-brasileira que mantém fortes laços com os valores africanos tradicionais, por ser filosofia, um modo de ser e estar no mundo, com sua espiritualidade e mística.

Sem a música, a roda de capoeira não é roda, sem música, não existe dança nem brincadeira, nem se pode gingar, a capoeira se torna um treino sem sentido místico. Assim, percebe-se que a música, enquanto vibração divina, é ao mesmo tempo fundadora do movimento e interligada com ela, através do ritmo, como ressalta Hampaté Bâ, ao remeter ao mito fundador bambara.

Na capoeira angola, o Mestre compartilha dos saberes adquiridos com os membros do grupo através das oficinas de confecção de instrumentos, dos treinos e rodas de capoeira, que sempre envolvem música e dança. Eduardo Oliveira expressa com júbilo essa transversalidade:

assim é a capoeira: por isso é dança também, por isso é luta, por causa disso é mandinga, por tudo isso é jogo! Capoeira é sentimento! Angola é Ancestralidade. (2007, p. 196).

Dentro da música da capoeira, a letra é um elemento de transposição de valores e saberes históricos, geográficos, matemáticos, dentre outros, uma vez que são muito variados os assuntos cantados. Assim percebe-se que são bastante diversos e entrelaçados os aprendizados necessários para poder se considerar angoleiro, conforme o princípio de transversalidade da oralidade, pois ninguém se torna mestre sendo especialista em apenas uma dessas habilidades e sim ao deter todas elas, de forma complementar.

Na capoeira, a musicalidade tem muita importância enquanto elemento de espiritualidade. Os instrumentos têm suas funções musicais e místicas no momento da roda, fortalecendo os laços ancestrais de nossas raízes, como diz Bâ: “os instrumentos dessa música sagrada são portanto, verdadeiros objetos de culto que tornam possível a comunicação com as forças invisíveis” (BÂ, 1982, p. 208). Assim, o berimbau é o instrumento principal. É possível se ter um treino sem música mas a roda só se forma a partir de no mínimo um berimbau. O ideal é a bateria completa composta de três berimbaus. Para Lobo (Mestre Pavão), essa composição gera uma sintonia: “na bateria de berimbaus em uma roda, produz-se uma sonoridade rica e empolgante, em uma formação que se pode chamar de clássica” (2008, p. 44).

O gunga é o berimbau mestre, muito importante pois ele é que dá início e fim à roda e que puxa toda a cantoria e o toque. Os outros dois são o médio e o viola que produzem a sonoridade que complementa o ritmo puxado pelo gunga. Na capoeira angola, o berimbau é o instrumento que dá vida a roda, conforme Lobo: “No berimbau considera-se que está presente a “alma” ou espírito da capoeira.” (2008, p. 45). Nesse momento tudo é místico, tem sentido, valor, significado e vida, nada é por acaso o som, a vibração a emoção transmitida está relacionada com a ancestralidade africana.

Na África os Griots (doma) são transmissores orais da cultura e história de seu povo, sua função é extremamente importante para conservação de suas tradições e costumes. “Existe por parte do doma um interesse acima de tudo pela transmissão fiel.” (BÂ, 1982, p. 207). Na capoeira, o mestre também tem essa responsabilidade de repassar a tradição e os valores de uma linhagem na formação de seus seguidores.

Nossos mestres e mestras são transmissores de histórias vivas e de cultura do nosso povo e de diversos países da

África, nossa terra Mãe. “O conhecimento não distingue raça nem porta paterna.” (BÂ,1982, p. 208). Na roda de capoeira, o que importa é seu tempo de experiência e sua capacidade de apropriação no momento, tanto da musicalidade como do movimento assim a própria vida é educação (BÂ,1982).

Nossos mestres(as) de capoeira angola são pessoas que detêm conhecimentos tradicionais mais profundos, devido a anos de experiências vivenciadas. “O ensinamento não é sistêmico, mas ligado às circunstâncias da vida” e a “lição dada na ocasião de certo acontecimento ou experiência fica profundamente gravada na memória.” (BÂ,1982, p. 194). Se não participar de todo um contexto, de forma mais contínua, o capoeirista pode até aprender de forma errada. É preciso se propor a vivenciar com os Mestres e Mestras seus conhecimentos, conforme os princípios de senioridade (respeito às/aos mais velh@s em experiência e idade) e de iniciação. No que diz respeito à iniciação, é importante ressaltar que tornar-se Mestre ou Mestra exige muitos anos de experiência e de reconhecimento por parte dos pares e do próprio Mestre ou Mestra, o que nos lembra os processos de aprendizagem de longa duração narrados pelo Hampaté Bâ para ser considerado um conhecedor.

## **Oralidade na Reza**

As rezadeiras mantêm uma relação com a tradição oral repassada na África, no que dizem respeito aos princípios de senioridade e de iniciação (BÂ, 1982): geralmente essas senhoras se tratam de pessoas idosas, com pouca escolaridade, mas que possuem intimidade com as palavras. Trazem na sua caminhada um aprendizado assistemático e contínuo, feito de observação, memorização, espiritualidade e repasse de sabe-

doria ancestral por outra rezadeira, frequentemente da mesma família ou da comunidade de pertença. Como na iniciação tradicional africana, a participação envolve contato com o sobrenatural (por exemplo através de sonhos) ou por algum fato extraordinário que as fazem descobrir o dom (como um acidente, uma necessidade emergencial de intervenção na cura de alguém (SANTOS, 2007, p. 39) : “Algumas aprendem o ofício no seio familiar, com os avós, tias ou com as próprias mães e vizinhas, outras, através de seres sobrenaturais em forma de sonhos, vozes e visões”.

Outra marca das africanidades nessa prática é o uso da palavra em segredo, que valoriza o silêncio. Assim, por exemplo, a reza falada em voz alta perde sua força (ou magia) por isso é preferencialmente pronunciada em voz baixa. A fala pronunciada é encantada sendo a forma, o propósito e o ritual perpassados pela fé o que fazem a transformação de elementos simples e comuns a muitos lares do interior, em força da palavra:

O benzedor, ao empregar a palavra no momento propício, liberta juntamente com ela a força renegedora dos tempos primordiais. Com a força da palavra é que se pode curar o ventre virado” (GOMES e PEREIRA, 2004, p. 137). Isso nos lembra a importância que a voz encantatória possui na tradição africana da oralidade, pois som e verbo são dons de origem divina.

E seu ensinamento só deve ser passado à pessoa apropriada, aquela que irá garantir a continuidade da transmissão e sobretudo que adotar a postura ética de honestidade para com o cliente, mantendo bons laços comunitários (muitas participam inclusive de irmandades), doando seus conhecimento gratuitamente, e sobretudo com os poderes da fé: qualquer pessoa que se interessa pode aprender as rezas de curas, no entanto o diferencial é como essa reza será realizada, ‘tem



que ter fé, sem fé é mesmo que nada' (SANTOS, 2007, p. 72). Existe nesse conhecimento uma relação estreita entre profano e sagrado, ciência e espiritualidade, que nos remete ao princípio de transversalidade citado por Bâ, uma vez que a maioria é conhecedora de botânica, além de elementos significativos da medicina, ainda que numa perspectiva mais holística, pois fazem referência a aspectos materiais e imateriais nem sempre corporais (trabalho, dinheiro, comércio, inveja, amor) que podem nos adoecer espiritual e fisicamente.

Na reza, só o verbo não basta, pois a palavra significa também corporeidade e gestualidade. A cura olha e faz participar o corpo do cliente ao mesmo tempo que usa também a gestualidade na sua intervenção médica. Assim

ficar atento ao ato de bocejar nem um significado crucial no ritual de cura para neutralizar o mal olhado. Pois é este gesto tão simples e natural na vida do ser humano que revela também se o olhado foi botado por uma mulher ou se foi botado por um homem. (SANTOS, 2007, p. 125).

Assim, podemos resumir que a espiritualidade das rezadeiras envolve uma série de atributos que podem ser identificados pela dimensão de oralidade da filosofia tradicional africana como: irmandade, observação, transmissão de sabedoria repassada por um idoso ou idosa, iniciação, magia, segredo, uso dos elementos da natureza, diagnóstico e cura pelo corpo e sua gestualidade.

### **A Filosofia Tradicional Africana Vivenciada Ontem e Hoje na Comunidade Quilombola**

A filosofia defendida por Hampaté Bâ (1982) se manifesta nas comunidades quilombolas. As comunidades rema-

nescentes de quilombos são espaços que valorizam os saberes das pessoas mais idosas e as vivências coletivas. Na comunidade quilombola Serra do Juá no município de Caucaia (Ceará), por exemplo, essa prática já foi mais forte. Atualmente ainda acontece mas não com tanta frequência. No passado era comum se contar histórias, mitos e lendas, ao redor das fogueiras passando-se conhecimentos, conselhos e saberes dos mais velhos a filhos e netos.

O espaço da casa de farinha era ambiente propício para uma tempestade de informações e aprendizados. Os compadres discutiam os assuntos do dia a dia, as comadres falavam sobre a família. As crianças brincavam de rodas e de outras brincadeiras aprendidas na comunidade.

No quilombo da comunidade Serra do Juá, pais analfabetos possuíam vasto conhecimento empírico e autodidata, alguns falavam até de vários países do mundo, debatiam sobre política, e mostravam sua matemática empírica quando proprietários os convidavam para marcar as fronteiras de suas terras. A natureza era o livro de muitos, através das observações. Sabia se o inverno ia ser chuvoso, se era ano de pragas na lavoura. Existiam os mestres e as mestras em remédios caseiros, que preparavam chás, compressas, pó de cascas de plantas. A educação desenvolvida antigamente nas comunidades quilombolas sugere uma caminhada em direção a uma compreensão do mundo, que envolva respeito à ancestralidade e espiritualidade.

Notava-se na comunidade da Serra do Juá o princípio de senhoridade a que se refere Hampaté Bâ, que valoriza o saber de experiência dos mais velhos, na figura da matriarca da comunidade, Maria Iracema do Nascimento, que sempre lutou para repassar os valores comunitários. Ela instigava para o sentimento de colaboração, unidade e comunicação. Dona

Iracema realizou muitas atividades que foram transmitidas para outras gerações. Era mulher digna de confiança, capaz de manter a veracidade de sua palavra. Através dos testemunhos, das histórias, dos mitos, dos benditos e dos rituais, ela se fazia guardiã da memória de seu povo.

Dona Iracema sempre provocou a solidariedade e por muitas vezes as famílias encontravam-se com necessidade financeira. Quando o responsável pelo sustento da família ficava doente ou se acidentava no trabalho da agricultura, além de todos da comunidade se reunirem para transportar o enfermo em uma rede (os moradores colocavam uma rede de dormir em uma viga de madeira e um homem de cada lado da viga transportavam o doente no ombro por quilômetros até o encontro do socorro), ainda reuniam-se para ajudar com o pouco que se tinha. Tudo isso graças ao respeito que se manifestava pela matriarca e pela valorização de sua sabedoria.

Pelos exemplos aqui citados e tantos outros da nossa cultura que não se reduz à matriz europeia, vemos como muito relevante a contribuição filosófica de A. Hampaté Bâ para a sociedade em geral, e particularmente para as comunidades tradicionais, pois ele nos traz uma reflexão da vida comunitária, os sentimentos de pertença, o fortalecimento da identidade negra e a valorização dos saberes ancestrais que hoje comunidades quilombolas lutam para não deixar morrer. A oralidade tem papel fundamental na manutenção da memória coletiva e do patrimônio cultural e filosófico dos afrodescendentes, ainda mais para os quilombolas, que só recentemente estão passando a se reconhecer, e ser reconhecidos, mas que interessa a brasilidade como um todo, independentemente de sua cor, ascendência ou pertencimento regional.

BRASIL  
QUILOMBOLAS

## Referências Bibliográficas

- BÂ, Amadou Hampaté. A tradição viva. In: KI-ZERBO. *História Geral da África*. v. I – Metodologia e Pré-história.
- BÂ, Amadou Hampaté. Amkoullel, *O menino fula*. São Paulo: Pallas Athena: Casa das Áfricas, 2003.
- DICIONÁRIO AURÉLIO. 5. ed. da Editora Positivo.
- GOMES, Núbia Pereira de Magalhães e PEREIRA, Edimilson de Almeida. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2004.
- OLIVEIRA, Eduardo. *Filosofia da ancestralidade: corpo e mito na filosofia da educação brasileira*. Curitiba: Gráfica Popular, 2007.
- SANTOS, Francimário Vito dos. *O ofício das rezadeiras: um estudo antropológico sobre as práticas terapêuticas e a comunhão de crenças em Cruzeta/RN*. Dissertação (Mestrado). Natal: UFRN, 2007.
- SILVA, Eusébio Lôbo da. *O corpo na capoeira*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2008.

